

Teatro & Dança



Elmano Sancho em "Misterman", de Enda Walsh

Em direção aos céus

Enda Walsh escreveu uma admirável parábola sobre pecado e redenção, agora interpretada e encenada por Elmano Sancho

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Em conversa, Elmano Sancho refere qualquer coisa relacionada com a palavra. "O que me interessou nesta peça foi uma personagem que, de certa maneira, não tem voz e que se rodela de vozes numa tentativa de existir." E mais qualquer coisa no mesmo sentido. "O meu ponto de partida foi o texto, e haver 11 personagens. Uma que está em cena, as outras são gravadas." Quer dizer, ele, Elmano Sancho, está em cena e dialoga com outras personagens, com vozes e com cenas gravadas, quando não é ele mesmo a dar voz a outros. E, para uma personagem que "não tem voz", há muitas palavras a dizer. Mas Thomas Magill é uma

personagem com uma voz especial. Está sozinho, num armazém abandonado, num espaço que parece "inabitável e perigoso" — é o autor quem o diz, ou melhor, quem o escreve, nas copiosas indicações iniciais. Porque é que ele ali está? Thomas Magill é um obcecado por Deus, pela salvação e por uma palavra inspirada e inspiradora que poderá levar a redenção à sua terra. Thomas Magill é um pregador, que foi escrevendo coisas num caderninho, juízos sobre as pessoas: "Timmy O'Leary. Asseio"; "Dwain Flynn. Profanidade"; "Charlie McAnerny. Imodéstia"; "Sra. Cleary. Indecente". Thomas Magill solta longas tiradas em tom profético, quando não está

no registo da oração, "Senhor, vela pelo teu humilde servo..." Troca palavras mais ou menos triviais com os seus conhecidos e com a mãe. Tudo com gravadores de fita. Ele é o único corpo fisicamente existente em todo o espetáculo. Há muitos sons, de carros, de portas, de trancas; barulhos, cães a ladrar. Thomas Magill tem terror por cães, o que prenuncia os seus primeiros atos de violência. Mas também aqui as coisas são enquadradas de maneira singular: "A linguagem dos cães, a linguagem do rafeiro sujo não é para os seres humanos. Temos à nossa disposição milhares de palavras, que podemos juntar em padrões variados e criar todo o tipo de textos maravilhosos..."; os cães, para Thomas, são o mal, o infiel, o gentio.

Um dia, Thomas terá uma visão do paraíso, com 'A' rapariga transformada em anjo: "Ela lança-se no ar e, indo em direção ao céu, volta para mim." Thomas antevê uma caminhada com o Anjo, rumo a uma vida melhor. Mas trata-se de uma versão disfórica e trágica da viagem de Tobias e do Anjo Rafael: a visão edénica de Thomas não é a preparação para o milagre, é sim o prenúncio da queda definitiva. A palavra de Thomas é, como sugere Elmano Sancho, o ator e o encenador do espetáculo, uma redundância, tudo resulta em nada. "Misterman", nesta versão, estreou-se em 2014, na Comuna, e percorreu vários sítios de Portugal. Agora chega ao Teatro da Politécnica — uma espécie de nova estreia, como acontece sempre que se faz de novo o mesmo espetáculo. A primeira representação da peça foi em 1999, na Irlanda, e o autor era o intérprete. Em 2012, entre a Europa e os EUA, Enda Walsh foi o encenador e Cillian Murphy o pregador Thomas Magill. E se a palavra de Thomas Magill não chega para o salvar, as palavras da peça servem, elas, para nos salvar a nós, público, leitores, ouvintes, da barbárie iminente de um mundo sem arte. ●

MISTERMAN

De Enda Walsh

Teatro da Politécnica, Lisboa, de 17 a 27